

Uma vida Dedicada à Geografia dos Solos

Entrevista com a Professora Neusa Maria Costa Mafra



85

No âmbito da Geografia, o estudo dos solos ainda conta com um número reduzido de profissionais. Alguns deles vêm se dedicando à Pedologia a partir de uma perspectiva ambiental, voltada para a utilização dos solos. A professora Neusa Mafra está entre esses poucos cientistas.

Em entrevista concedida à *Geo UERJ*, a professora Neusa oferece-nos algumas das páginas de sua história profissional, que vêm sendo escritas desde o início de sua formação como geógrafa e passando pelos 22 anos no Departamento de Geografia da UERJ.

ENTREVISTA CONDUZIDA POR GLAUCIO JOSÉ MARAFON. RIO DE JANEIRO, DEZEMBRO DE 2001.

Geo-UERJ – Como é de praxe na *Geo-UERJ*, iniciamos a entrevista com os aspectos pessoais. Relate-nos a sua trajetória de vida, lugar de nascimento, origem familiar etc.

Neusa – Posso dizer que ter nascido e vivido toda minha infância, adolescência, e “pós-adolescên-

cia”, em Santa Teresa – um dos bairros mais aprazíveis da cidade do Rio de Janeiro – foi um privilégio, sobretudo naqueles anos das décadas de 50, 60, 70 e início de 80. Afinal, considerando-se as peculiaridades do entorno, não fazia parte do cotidiano de muitos cariocas usar como único meio de transporte, o bonde. Aquele “bicho

verde (hoje de cor amarela) se submetia, de forma corajosa, às condições topográficas do bairro e conseguia, durante o seu percurso, brindar os seus “ilustres passageiros” com momentos de *relax*, que garantiam a reposição de forças necessárias, aos que viviam “lá em cima” e tinham seu dia de trabalho e de estudo “lá embaixo”. Era dessa forma que consideravam, com razão, seus moradores, no que dizia respeito àquela viagem diária.

No “Paula-Mattos”, em meio a uma comunidade constituída basicamente por italianos (calabreses, sicilianos, sobretudo), viviam também alguns portugueses, dos quais descendo.

Creio que esta mescla de culturas – que incluía também alemães, suíços e franceses (em outros sub-bairros) – enriquecia o convívio entre os moradores, o que se fazia sentir nos colégios que freqüentávamos, nas feiras livres nos dias de sexta e nos encontros nas estações de bonde. Como era importante aquele bonde e que saudades tenho dele!

Este relato, que mais parece um canto “em verso e prosa” a Santa Teresa, registra a influência deste bairro na minha maneira de ser e de estar, assim como seguramente deve ocorrer com todos aqueles que ali viveram. Os poucos anos em que vivi na Tijuca não me deixaram saudades. Hoje, em São Francisco, Niterói, venho tentando resgatar a tranqüilidade de viver, ainda que sem os momentos de reflexão proporcionados pela viagem diária naquele bonde.

Geo UERJ – Como despertou o seu interesse pela Geografia? Como você se encaminhou para este campo de estudos?

Neusa – O que eu considero como o primeiro momento de interesse pela Geografia está remotamente ligado às entusiasmadas “aulas” do Sr. José Paes da Costa (meu avô), fundamentadas em um velho Atlas Mundial e orquestradas pelas cigarras de Santa Teresa, quando eu deveria ter entre 7 ou 8 anos de idade. Era precoce de-

mais, no entanto, entender tudo aquilo, mesmo da forma encantadora como me era passada a “história de mais mar do que terra” e das populações distintas que viviam em cada parte do globo e, afinal, o “porquê” de tudo aquilo. Acredito mesmo que esse primeiro contato foi importante. Depois dessa fase, um largo hiato, no que diz respeito ao interesse pela Geografia e uma retomada aconteceu na adolescência, por influência de excelentes professores, à época do pré-vestibular, sobre tudo os de Geografia Agrária e Geografia Física.

Geo UERJ – Quais foram as influências que marcaram a sua trajetória na Geografia (graduação/pós-graduação)?

Neusa – Considero que as influências realmente existam durante a vida acadêmica, marcadas por uma maior identificação com determinadas áreas do conhecimento, o que se dá algumas vezes, por conta de um ou mais docentes, cuja competência, dedicação e interesse por aquilo que fazem, acabam te “contagiando”. Este seria o termo mais apropriado e tão forte quanto verdadeiro, da maneira como aplicado, se conhecidas as suas razões.

De qualquer forma, eu acho que o mais importante durante a nossa trajetória na universidade, como um acadêmico, é o que se consegue construir ainda durante esta fase e posteriormente, não só a partir dos conhecimentos que nos foram transmitidos, mas através do amadurecimento pessoal e profissional – a despeito daqueles que tenham ou não acreditado no seu esforço e no seu trabalho, porque se realmente você sofreu um “contágio” benéfico, dificilmente sua produção será desmerecida durante o curso e no futuro.

Concluindo, eu considero que a minha trajetória na geografia ainda não terminou e será muito difícil que isso ocorra, a não ser por contingências da vida, que venham a contrariar os anseios em seguir “geografando”.

Geo UERJ – Como ocorreu a sua entrada para o Departamento de Geografia da UERJ? Fale-nos da sua trajetória na instituição.

Neusa – A trajetória é larga e faz parte da história da Geografia da UERJ e, nesse sentido, talvez seja importante comentá-la, ainda que o espaço mais apropriado fosse o de uma resenha e não uma entrevista.

Fui incorporada ao Departamento de Geografia em 1980, quando ainda não eram realizados concursos públicos. Minha inserção deu-se por razões ligadas à substituição de uma professora de Geomorfologia, a qual havia “literalmente desaparecido”, por conta de um acidente aéreo, durante um trabalho técnico-científico que realizava para o IBGE, na Serra da Bocaina, naquela ocasião. Foi um acontecimento terrível e confesso que a essa ocasião, não considerava minha presença no departamento como definitiva. Era uma situação tremendamente desagradável. Conheci a professora Mariza ainda na UFRJ, quando realizava pesquisas no grupo da professora Maria Regina Mousinho de Meis. Eu estava realizando o curso de mestrado na UFRJ e fui convidada a ocupar sua vaga, enquanto não fosse solucionada a questão do possível retorno daquela professora. Quando foi constatada a total impossibilidade de tal retorno, naquele mesmo ano, tive a possibilidade de ingressar de fato no Departamento.

Esse ingresso, no entanto, foi também endossado pelo conhecimento de meu histórico, pelos professores Omir Fontoura e Marita Pimenta, no qual se incluía, como principal capítulo, o interesse em desenvolver um trabalho sobretudo nas áreas da Pedologia e Geomorfologia, que possibilitasse a capacitação discente e a produção científica, esta última fundamentada na experiência de campo e laboratório e na geração de produtos.

De minha geração mais próxima, encontrei, já incorporados ao Departamento de Geografia da UERJ, os professores Alexandre Antonio de Mello

Santos e Josilda de Moura, ambos colegas da UFRJ.

Nos anos da década de 1980, o corpo docente (16 professores) do Departamento de Geografia era constituído, em sua maioria: por pesquisadores do IBGE (professores Ângelo Dias Maciel, Wilson Duque Estrada, Alfredo Porto Domingues, graduados em Geografia; Edgar Kulhman e Miguel Alves de Lima, Livre Docentes, título correspondente ao de doutor atualmente); os professores Licenciados em Geografia, Maurício Silva Santos, Ney Julião e Marcos Mucciolo; cinco mestrandos em Geografia (professores Alexandre A. M. Santos, Neusa M. C. Mafra, Ricardo Paixão, Nadja M. C. Costa e Marita Pimenta); uma doutoranda (professora Zeny Rosenthal) e um doutor (professor Speridião Faissol), estes últimos incorporados ao departamento, respectivamente como assistente e visitante, em 1988 e 1989 (atualmente, a primeira como pós-doutora). Ainda que por curto espaço de tempo, também a professora Antonia M. M. Ferreira, mestre em Geografia, atualmente professora doutora da Faculdade de Geologia. Deste quadro, permanecem ainda hoje, quatro dos citados. Todos os demais deram lugar aos atuais professores do curso, ainda no início dos anos 90.

O exercício da pesquisa científica teve seu início entre 1983 e 1984, impulsionado pela iniciativa em desenvolver projetos e pelo aumento da carga horária dos dois primeiros professores mestrandos e pela incorporação da última professora (todos citados entre parênteses). A segunda geração de profissionais dedicados a esse exercício, àquela ocasião, constituiu-se das professoras Nadja e Zeny.

Nos anos da década de 80, os cursos concentravam-se à noite, na tentativa de atender a uma demanda de discentes que, em sua maioria, possuía vínculo empregatício e cuja faixa etária, em média, encontrava-se por volta de 25 a 30 anos, não sendo raros os casos em que superavam os 50 anos.

Era muito difícil constituir grupos ou núcleos de pesquisa, assim como era difícil poder contar com a participação de alunos bolsistas e monitores, ainda que, àquela ocasião, a Faperj já concedesse algumas categorias de bolsas, o CNPq disponibilizasse as suas e a UERJ já tivesse iniciado o programa de bolsas para monitoria. Dessa forma, contávamos em média com dez alunos para atender às necessidades acadêmicas e científicas de cinco professores, no Departamento de Geografia.

Os três primeiros anos na categoria de Professora Auxiliar (de 1980 a 1983), com carga horária de 10 horas semanais, frustraram, de certa forma, um ideal cultivado originalmente (ensino/pesquisa), na medida em que tal carga era utilizada, em sua totalidade, para ministrar os cursos de Geografia do Brasil IV (Agrária), Geografia Física VI (Solos e Vegetação) e Geografia Física III (Geomorfologia Dinâmica), para os Departamentos de Geografia, Geologia e Engenharia Cartográfica; ainda Biogeografia, para o Departamento de Biologia.

Com o aumento da carga horária para 20 horas semanais a partir de 1983, foi possível dar início ao que se pode considerar como o embrião da pesquisa no Departamento, juntamente com o professor Alexandre A. M. Santos. A partir de 1984, já existiam, cadastrados na SR2, nossos projetos.

Somente a partir de 1985, na categoria de Professor Assistente, foi conquistado um aumento de carga horária para 40 horas, quando foi possível desenvolver mais um projeto de pesquisa, contando com a participação de dois alunos como bolsistas do CNPq e dois voluntários (sem bolsa), além de um monitor para duas disciplinas, as quais incluíam a parte prática de laboratório e campo.

De 1986 até 1989, estive à frente da Chefia do Departamento de Geografia, quando ainda não se podia contar com os “avanços” da informática. As “cabeças” administrativas constituíam: a chefia do departamento, duas funcionárias de se-

cretaria (entre elas, Maria de Jesus, a nossa atual Maria), além de um coordenador de curso, o professor Ângelo Dias Maciel. A infra-estrutura contava com uma máquina de escrever, um mimeógrafo, um retroprojetor, um projetor de slides, e uma coleção de mapas antigos do tipo mural, além de outros “artefatos” que não conseguiam atender às necessidades administrativas e acadêmicas do curso.

Com a necessidade de um laboratório para atender às práticas da Pedologia, nos foi emprestado, até 1991, o espaço físico do laboratório do então Departamento de Geologia, para aulas ministradas para a Geografia e Geologia.

De 1987 até 1992, os esforços foram concentrados em um grande projeto de pesquisa, desenvolvido no município de Bom Jesus do Itabapoana (RJ), a partir de um convênio firmado entre a universidade e aquele município, através da SR2 e SR3. Este projeto passou a contar com a participação de três bolsistas do CNPq e uma Bolsa de Auxílio à Pesquisa do mesmo órgão (por um ano, somente).

Tal convênio propiciou também a aquisição de uma camioneta “Saveiro” para atender somente ao projeto (cadastrada como patrimônio da UERJ), assim como material cartográfico, verbas para custear algumas análises de laboratório, financiamento das expedições de campo pela prefeitura municipal, para estadias e alimentação do grupo de bolsistas e do professor, dentre outros benefícios.

Os resultados deste esforço conjunto foram importantes para que fosse tomada a iniciativa de se realizar um curso de doutoramento na Universitat de València, Espanha, a partir de 1992, com a conclusão em fevereiro de 1997. A reincorporação às atividades no Departamento de Geografia deu-se a partir de março de 1997, quando foram reiniciados os Cursos de Geografia Física VI (do *currículum* antigo) e Pedologia. As atividades de pesquisa também foram reiniciadas no ano seguinte (1998).

No que diz respeito à evolução do Curso de Geografia, tomando-se como referência os anos que constituíram a década de 1980, pode-se assegurar que se destacaram por um esforço considerável por parte de alguns dos membros do corpo docente que se propuseram a atuar (produção acadêmica, científica e gestão administrativa), no sentido de adequar as necessidades vigentes às condições de uma frágil infra-estrutura e massa crítica, já mencionadas anteriormente.

Outro fato incontestável refere-se à mudança do perfil do curso, sobretudo a partir do início dos anos 90, quando os professores lotados anteriormente no departamento, começaram a realizar seus cursos de Doutorado e os concursos possibilitaram o ingresso de professores doutores e mestres.

Geo UERJ – Você fundou e coordena o Grupo de Investigação Solos-Paisagem (Gisp). Fale-nos dos objetivos e concretizações desse grupo de investigação.

Neusa – O grupo foi criado em dezembro de 1999. Eu poderia resumir a proposta de trabalho do grupo dentro da perspectiva da investigação com ênfase na relação entre a formação e constituição do solo e a evolução da paisagem, considerando-se o solo como um dos principais elementos modeladores da mesma. Sobressaem dentro desta perspectiva, duas vertentes: uma voltada à relação solo-paisagem, dentro do contexto dos ambientes, processos e materiais de formação envolvidos nessa relação; a outra, contemplada pela relação solo-“paisagem produzida”, levando em consideração o componente antrópico, como transformador da mesma. Nesse sentido, essa segunda vertente estaria voltada à avaliação da capacidade e limitações de uso traduzidas não só pelas características e propriedades do solo e demais condições do entorno, como também pelas possibilidades de utilização das terras. Quanto às concretizações, até o momento estas têm se referido à produção de alguns trabalhos

divulgados em eventos científicos, além de discussões através de jornadas científicas, fundamentadas na primeira vertente. A recente criação do grupo de investigação ainda não nos permitiu investir em outras atividades que se incluem no programa de trabalho do grupo, como: promoção de eventos científicos que estimulem os debates acerca das questões que envolvem a relação solo-paisagem; a criação de um fórum de ciência do solo, entre outras.

Geo UERJ – Como se deu o seu interesse pela investigação sobre solos?

Neusa – A partir do momento em que comecei a estudar e a trabalhar com profissionais, os quais, por sua competência e integridade, marcaram minha trajetória como aluno e professor. Eu faço questão de citar dois professores que fizeram parte desse elenco: o professor Waldemar Mendes, Adjunto do Departamento de Geografia da UFRJ, responsável pelas disciplinas da Pedologia, a quem devo meu interesse pelo estudo dos solos, desde o primeiro momento em que ingressei na universidade. Ressalto a importância de seus ensinamentos e de sua orientação na minha formação, durante o trabalho desenvolvido a seu lado, durante oito anos, na universidade; e a professora Maria Regina Mousinho de Meis, também Adjunta da UFRJ, responsável por algumas disciplinas da Geomorfologia, a quem devo em grande parte, o aprofundamento dos estudos ligados à relação solos-paisagem, durante o curso de mestrado, sob sua orientação acadêmica.

Geo UERJ – Em seu doutoramento, realizado na Espanha, você trabalhou sobre o planejamento do uso dos solos agrícolas. Relate-nos a sua experiência de realizar o doutoramento no exterior.

Neusa – Eu começaria pelo segundo segmento desta pergunta, porque dele dependeu a conclusão de meu trabalho naquela linha de pesquisa.

Foi uma experiência extremamente importante, tanto do ponto de vista pessoal como do profissional e, ainda que para alguns possa parecer descabido, seria interessante que a relatasse, visto que a *Geo-UERJ* será lida por estudantes, professores e quem sabe, por alguém que tenha sido responsável pela concessão de bolsas de estudos no exterior no início dos anos 90.

Quanto ao ponto de vista pessoal é incontestável o amadurecimento alcançado por conta do contato com um mundo totalmente diferente daquele em que você viveu, o qual passa a te exigir novas posturas, passa a testar a tua resistência (em termos de adaptação), dentre *outras coisas más*. O importante é que se cresce muito, quando realmente se luta para alcançar um objetivo e quando se percebe que as pessoas, ainda que “estranhas” ao teu meio, te respeitam, te apóiam e te reconhecem como pessoa e como profissional. Tudo que me foi possibilitado no sentido de realizar com êxito o curso de doutorado, devo a duas instituições: a UERJ e a Universitat de València, na Espanha. À primeira, por autorizar o meu afastamento remunerado (necessário à sobrevivência fora do país), para o cumprimento integral do curso no exterior, “apostando” em um retorno e, ao mesmo tempo, ciente da importância da qualificação de seu quadro docente. À segunda, pelo apoio mais importante na vida de um estudante terceiro-mundista, no exterior, a condição de poder estudar e de viver de forma digna, integrada à comunidade.

A Universitat de València financiou minha matrícula, durante os quatro anos em que lá estive, assim como dois cursos de especialização no país (de curta duração), além da participação em eventos científicos e minhas passagens aéreas ao Brasil, durante o primeiro ano do curso. Devo realmente tudo isso ao Programa de Ayuda a Investigadores Iberoamericanos da universidade, o qual ainda me favoreceu, no último ano do curso, com uma bolsa de Doutorado, para conclusão de meu trabalho.

Ainda em termos profissionais, o Ministerio de Educación y Ciencia me concedeu a homologação do título de geógrafo (obtido no Brasil), para o título de geógrafo na Espanha, através de exames em Geografia Física e Humana, além de História da Espanha, aos quais fui submetida, pela Universitat de València.

Dessa forma, a experiência do ponto de vista pessoal e profissional, superou as minhas expectativas. O curso foi realizado integralmente no Departamento de Edafologia da Unidade de Biología Vegetal, na Facultat de Farmacia, da Universitat de València. O título, por correspondência à formação no Brasil, foi designado de Doutor em Geografia e História, conforme a faculdade que o concedeu.

A experiência de trabalho no âmbito da planificação de uso do solo agrário foi importante. Isso porque ela me possibilitou entender o exercício da planificação como um dos mais adequados instrumentos para resolver questões relacionadas a dois temas interligados: a utilização racional das terras (entendendo-se a terra como conceito de *land*, de Dent e Young, dentre outros) e a conservação do meio-ambiente. A competição entre usos distintos, pelos recursos naturais, pode gerar conflitos que culminem com o deterioro da qualidade de vida.

A avaliação da terra, sob o ponto de vista do potencial físico dos recursos, precede a análise dos condicionantes socioeconômicos e políticos, dentro da perspectiva enfocada no trabalho. Essa avaliação implica um claro entendimento da capacidade, das “oportunidades” e das limitações de uso do solo, o qual é permitido pela análise do conjunto de fatores relativamente permanentes que compõem o meio-ambiente.

A proposta de criação de uma metodologia que atendesse a essa vertente da planificação para áreas tropicais úmidas, surgiu da reunião de alguns critérios adotados por metodologias sobre capacidade de uso (a nacional, a mediterrânea e a portuguesa, por exemplo), adaptadas àquelas condições meio-ambientais.

Existem muitas outras considerações a fazer sobre esse tema, mas creio que essa não seria a via mais apropriada.

Geo UERJ – Na sua avaliação, como se encontram os estudos sobre solos no Brasil?

Neusa – A importância dos estudos sobre solos sempre foi reconhecida, ainda que com diferentes enfoques.

Pode-se considerar que, pelo menos nas três últimas décadas, o reconhecimento da importância de estudos dessa natureza cresceu muito no Brasil. Sobretudo as áreas da Agronomia, da Geografia e da Ecologia, entre outras, passaram a se preocupar mais com as questões ligadas à capacidade de uso das terras, à produção de alimentos e à conservação ambiental, sendo o potencial dos recursos solo e água, referenciado sob a perspectiva do aproveitamento *versus* preservação, de uma forma que se poderia considerar mais responsável e mais “madura” do que a anteriormente praticada. Esse fato, acredito que se deva à crescente preocupação com o equilíbrio dos ecossistemas tropicais, tão comprometido desde o início da colonização, quanto responsável pela qualidade de vida das populações.

Geo UERJ – Como você situaria a Geografia no momento atual (importância do discurso, a prática do geógrafo, o mercado de trabalho)?

Neusa – Eu recordaria de forma muito consciente e respeitosa, a expressão usada por Milton Santos: “Viva a Geografia!” E acrescentaria que o fundamental é “fazer” a geografia de forma séria,

responsável, lutando pelo reconhecimento da sua importância, pelas demais ciências. Isso só é possível, através da demonstração de competência daqueles que a assumiram.

O mercado de trabalho sempre existirá, na medida em que busquemos ser capazes e honestos em quaisquer dos ambientes nos quais venhamos a exercer a profissão de geógrafos.

Geo UERJ – Por fim, que conselhos daria aos acadêmicos que desejam trabalhar na investigação de solos?

Neusa – Se é que se pode denominar isso de conselho, eu diria: “apostem” nessa área, que seguramente ainda apresenta muitas lacunas, no âmbito da Geografia. De forma mais clara, eu diria: carecemos de geógrafos com especialização em Pedologia; carecemos de geógrafos que investiguem a relação solos *versus* Geomorfologia com a profundidade necessária (às duas áreas); carecemos de geógrafos que, tendo estudado e se identificado com as áreas de Pedologia e Geografia Agrária, trabalhem de forma integrada as questões relacionadas à gênese e potencialidade dos solos e à capacidade de uso das terras. Carecemos, ainda, de geógrafos que possam tratar da questão da conservação ambiental, sob a perspectiva desse importante recurso, que é o solo. “E por aí vai...”, como diriam alguns de nossos pupilos, nos momentos de seus discursos entusiasmados.

Logicamente existem outros argumentos tão convincentes como estes, mas prefiro encerrar por aqui, esperando que as pessoas descubram-nos por si próprias, quando venham a se dedicar um dia à Pedologia.

